

# "A formação do professor musicoterapeuta: um professor reflexivo"

Sheila Beggiato Volpi<sup>2</sup>

**Resumo:** este trabalho se apresenta como possível proposta de pesquisa de mestrado em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O tema faz referência a como se dá a formação do professor musicoterapeuta, uma vez que o curso que forma musicoterapeutas não é uma licenciatura. Trata, também, de forma não aprofundada o que vem a ser um professor reflexivo.

**Palavras chaves:** formação de professor, professor reflexivo.

Este tema, a formação do professor musicoterapeuta vinha sendo a proposta de projeto de pesquisa do mestrado que estou cursando. Digo, vinha sendo, porque já não tenho mais certeza se permanecerá este mesmo. Quando ampliamos nosso campo de conhecimentos passamos a visualizar outras tantas possibilidades de pesquisa. Isto é bom e ruim. Bom, porque nos mostra quantos temas de interesse para pesquisa temos e como o universo é grande e rico e se quisermos podemos pesquisar durante toda nossa vida. "Ruim", porque temos que definir e delimitar, num determinado período de tempo, qual será o nosso foco. O ruim está entre aspas porque toda vez que delimitamos um tema, deixamos de lado outros que nos interessa. Neste momento temos que lidar com nossa capacidade de abrir mão de algo e com a nossa capacidade de adiar temporariamente alguma coisa que também nos interessa. O que fica postergado pode vir a ser o foco da próxima pesquisa.

Isto tudo nos mostra o quanto somos ignorantes em nossos conhecimentos e que temos muito para estudar, sempre. Percebemos que quanto mais investigamos mais temos a investigar; quanto mais conhecemos mais temos a aprender.

Quanto ao tema, a **formação do professor musicoterapeuta**, há um interesse particular em investigar este assunto, pois as perguntas que me faço são: como se dá a formação do professor musicoterapeuta, uma vez que, a graduação forma o profissional para atuar clinicamente? Onde ou como este professor vai buscar subsídios para formar o seu papel de educador? Como ser um professor musicoterapeuta que atenda às exigências/necessidades de nossa sociedade, tão fragmentada e tão desprovida de ações efetivamente saudáveis e igualmente carentes de profissionais competentes com uma visão holística e planetária?

Entendo que o exercício da função do professor/musicoterapeuta num curso de graduação em musicoterapia é tão importante quanto à atuação do musicoterapeuta num contexto clínico ou de pesquisa. A responsabilidade, a postura ética, o compromisso social e educativo são imperativos que não podemos perder de vista enquanto formadores de futuros profissionais musicoterapeutas.

Tenho alguns ensaios de respostas às estas perguntas que podem ser respondidas empiricamente. Todos nós temos vários modelos de professores durante nossa vida como estudantes. Estes modelos nos servem como ponto de partida para nossa prática como docente.

Se este modelo situa-se nos parâmetros de uma escola tradicional, encontramos-nos diante de outra indagação: numa sociedade do conhecimento, na qual vivemos hoje, onde a velocidade da informação e a necessidade de ser ágil na proposta de soluções, esta prática pedagógica tradicional consegue preparar profissionais competentes e reflexivos?

Não estou querendo dizer que todos os professores musicoterapeutas tenham este tipo de prática, mas remetendo-me a questão de agirmos segundo o modelo que temos de nossos professores, incorremos neste risco.

Além do modelo de nossos professores, temos um segundo ponto que pode nos orientar em nossa atuação como docentes: o nosso conhecimento tácito. O conhecimento tácito aproveita o que você já conhece, constrói o conhecimento com base na experiência. É um tipo de conhecimento subjetivo, não mensurável, que não se ensina, não se transfere de forma objetiva em sala de aula ou manuais. O conhecimento tácito a pessoa não consegue explicá-lo, mas o possui, através da sua experiência de vida, dos conhecimentos adquiridos, de seus interesses, enfim é um conhecimento que reside em cada um de nós. Em posse desse tipo de conhecimento é que o professor musicoterapeuta pode construir sua ação.

Historicamente o lugar que o professor ocupa na sociedade não tem sido de destaque. Podemos nos arriscar a dizer que poucos consideram a função de professor como uma profissão. Isto fica mais acentuado no ensino superior, que abriga professores que fazem do magistério, um complementação de suas atividades e salário e não como uma profissão primeira.

Perrenoud quando trata da profissionalização do professor diz algo que pode ser estendido a qualquer

<sup>2</sup>*Musicoterapeuta clínica com experiência nas áreas de Saúde Mental, Educação Especial, Social (menores em situação de risco e adolescentes infratores). Professora e supervisora no curso de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. Mestranda em Educação pela PUC-PR.*

profissão:

"Na teoria, um profissional deve reunir as competências de alguém que elabora conceitos e executa-os: ele identifica o problema, apresenta-o, imagina e aplica uma solução e, por fim, garante seu acompanhamento. Ele não conhece de antemão a solução dos problemas que surgirão em sua prática; deve construí-la constantemente *ao vivo*, às vezes, com grande estresse, sem dispor de todos os dados de uma decisão mais clara. Isso não pode acontecer sem saberes abrangentes, saberes acadêmicos, saberes especializados e saberes oriundos da experiência. Um profissional nunca parte do nada, tenta não reinventar a roda, considerando as teorias, os métodos já testados, a jurisprudência, a experiência, os gêneros consagrados e o 'estado da arte' ". (Perrenoud, 2002, p.11)

Alguns desses saberes a que se refere o autor são específicos da área de conhecimento da educação. Mas como um musicoterapeuta que se tornou professor pode adquiri-los?

O exercício de uma profissão começa com a formação inicial, que nem sempre é suficiente para atender a todas as demandas que a prática impõe. Por isso a necessidade da formação contínua. Esta, como o próprio nome diz, estende-se por toda a vida profissional. Uma formação nunca se encerra em si mesma. Ela se prolonga enquanto dura o profissional estiver atuando. Mesmo porque não é possível prever que realidades serão vividas pelo profissional. Perrenoud diz que "não é oportuno nem possível ditar aos profissionais, em todos os detalhes, seus procedimentos de trabalho e suas decisões. Sendo assim, a atividade de um profissional é regida essencialmente por objetivos (estipulados pelo empregador ou por meio de um contrato com o cliente) e por uma ética (codificada pela corporação)." (idem, p.11)

Mas e o que vem a ser um professor reflexivo? Schön (apud Perrenoud), baseado nos pressupostos de Dewey, particularmente na conceitualização de experiência, formula a sua perspectiva em torno de três aspectos: **conhecimento prático, reflexão da prática, reflexão sobre a prática e sobre a reflexão sobre a prática.**

Quando o professor coloca para si as questões do dia-a-dia como situações problemáticas, ele está a refletir, está à procura de uma interpretação para aquilo que é vivenciado. Quando faz esta reflexão ao mesmo tempo em que vivencia uma determinada situação, ele faz uma reflexão na ação. Quando o processo de reflexão é a reflexão sobre a reflexão na ação é quando o professor procura a compreensão da ação, elabora sua interpretação e tem condições de criar outras alternativas para aquela situação. (Nunes,

Refletir a prática traz dois aspectos complementares: a interferência na prática e refletir a prática é praticar a reflexão, dinamizando a vivência num processo recíproco. (idem) "A prática não é só o objeto da reflexão, é também objeto de uma resignificação". (Pimenta, 1999)

Dentro desta visão é necessário trazer o conceito de habitus. Este conceito vem a partir de Bourdieu refere-se a uma ação que não se submeteu a um processo reflexivo, mas sim como resultante do acumular de saberes. É assim por ele definido: "esse conjunto de esquemas que permite engendrar uma infinidade de práticas adaptadas a situações sempre renovadas sem nunca se constituir em princípios explícitos" (apud Perrenoud, 1997) O habitus garante um acomodamento e a permanência de determinadas práticas.

Desenvolver uma prática pedagógica baseada somente no habitus pode vir a ser uma prática pobre e com poucas contribuições à formação de profissionais críticos e reflexivos.

Diante deste exposto, a intenção da pesquisa é verificar junto aos professores musicoterapeutas, se estes exercem uma prática reflexiva da sua ação docente e como isto se dá. No processo de formação do professor musicoterapeuta como desenvolver um professor que reflita sobre sua ação pedagógica? E como professor reflexivo que contribui na formação de musicoterapeutas também reflexivos e críticos capazes de atuar e interferir nesta nossa sociedade capitalista.

A pesquisa pretende ser qualitativa e trabalhar com instrumentos de entrevistas junto aos professores musicoterapeutas que atuam na formação de musicoterapeutas, em instituições de ensino superior.

## Referências Bibliográficas:

- NUNES, Leonel J. R. A reflexão na prática docente alguns limites para a sua efetivação. O caso da informática na educação. In OEI Revista Iberoamericana de Educação. ISSN 1681-5653
- PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- PIMENTA, S.G. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo, Cortez, 1999.
- SCHÖN, in PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.